

O TEMA DA SECA DE 1877 NAS PÁGINAS DO JORNAL BRADO CONSERVADOR DA CIDADE DE AÇU (1877-1878)

Nadson Jefferson Ferreira Pereira¹

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo principal analisar a forma que seca de 1877 foi representada no jornal *Brado Conservador*. No decorrer desse texto emprego uma análise das secas no *Brado Conservador* destacando as matérias que focam pelo menos em três aspectos, são eles: econômico, político e dimensão técnica. Selecionei três trechos diferentes do jornal onde remete a cada um desses aspectos; essa seleção foi possível pois o periódico se encontra digitalizado na Hemeroteca Digital Brasileira. A metodologia para encontrar e selecionar esses trechos consistiu no método indiciário. Através dele pude avaliar indícios nas matérias dentro das páginas do periódico que me mostravam como o tema das secas pode revelar questões econômicas e políticas da época, tal como a questão técnica e intervencionista em volta desse tema na segunda metade do século XIX em Açú.

PALAVRAS-CHAVE: Secas, jornais, Açú, elites.

THE THEME OF THE 1877 DROUGHT IN THE PAGES OF THE
NEWSPAPER BRADO CONSERVADOR FROM THE CITY OF AÇU
(1877-1878)

ABSTRACT:

This paper aims to analyze how the 1877 drought was represented in the newspaper *Brado Conservador*. The analysis focuses on articles that highlight at least three key aspects: economic, political, and technical dimensions. Three excerpts from the newspaper are selected to represent each of these aspects, based on the newspaper's digital archive available in the Brazilian Digital Hemeroteca. The methodology for selecting these excerpts is based on the *method of signs*, which allowed for the identification of clues in the articles that reveal how the topic of drought reflects the economic and political issues of the time, as well as the technical and interventionist approaches surrounding the issue in Açú during the second half of the 19th century.

KEYWORDS: Droughts, newspapers, Açú, elites.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em História, CERES (PPGHC) Email: nad2017@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2536432461004800>

Introdução

Durante a segunda metade do século XIX o recurso da imprensa se potencializa e se torna um dos principais meios (se não o principal) que, além de ideias, são os porta-vozes oficiais dos dois grupos com maior força política de Açu: o Partido Conservador e o Partido Liberal. O Partido Liberal tinha como periódico oficial o jornal *O Açense*, seu redator principal era João Carlos Wanderley, líder da ala do Partido Liberal. Já o Partido Conservador tinha o *Brado Conservador* como seu principal veículo de propagação, o líder desse grupo político e o principal fomentador desse jornal era Antônio Soares de Macêdo.

Segundo Guerra (2018) entre 1876 e 1884 o Partido Conservador² se fragmenta em dois grupos. Isso por conta de uma personagem chamado Elias Souto, professor e jornalista, que voltando para cidade de Açu após residir na chamada Vila do Príncipe, hoje, Caicó, se separa do grupo liderado por Antônio Soares de Macêdo e cria seu próprio periódico por nome de *Jornal do Açu*; assim formando outra ala que fragmentava o lado conservador aquecendo ainda mais as disputas políticas nessa região e por consequência aumentando a vida intelectual açuense e a propagação de periódicos nessa região. Não é de interesse desse trabalho se debruçar sobre a biografia e trajetórias específicas desses homens, nem de identificar as estratégias políticas que seus grupos assumiam e nem de traçar os caminhos dessas disputas.

Elias Souto, João Carlos Wanderley e Antônio Soares de Macedo (e alguns presidentes de província que vão ser citados) são nomes que aparecem nesse trabalho como respectivos líderes e principais fomentadores desses jornais e grupos políticos apenas para demonstrar um contexto em que os periódicos começam a ser parte fundamental na vida política e social da cidade do Açu. Sendo assim, além de temas políticos, esses jornais continham em suas páginas diversos assuntos que correspondiam ao seu contexto histórico e espacial. Dentre eles está o

² Termos como “liberal” e “conservador” precisam ser contextualizados. Pois seus sentidos mudam temporalmente e também espacialmente, para melhor entendê-los leia-se: Dicionário Político de Noberto Bobbio.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

tema da seca, principalmente a seca de 1877.

Segundo Bezerra (2021) dentre os principais temas tratados no jornal está a seca e escravidão. Em um contexto de crescimento de movimentos abolicionistas, após a Lei do Ventre Livre (1871) e crescimento de alforriados e livres, é natural que o tema dos escravizados e a modernização apareça nas páginas dos jornais. A seca de 1877, porém, introduz um outro tema: as questões econômicas e políticas em torno da seca e as estratégias para “lidar” com ela.

As intempéries que a seca de 1877 provocava, segundo os jornais, como também a visão dos que escreviam, aparecem nesses três aspectos: econômico, político e técnico. E são trechos que aludem a esses pontos que selecionei para compreender minimamente a visão da classe política que falava nesse jornal. Para tanto, usei o método indiciário. Esse método não se baseia nas formas características mais ostensivas de um documento, mas se atenta em pormenores e detalhes que vão formar a narrativa proposta (Ginzburg, 1989).

No que se refere ao referencial teórico a seca é entendida nesse trabalho a partir da colaboração da disciplina Tópicos Especiais em História dos Sertões I. Segundo Dantas, Ferreira e Farias (2018) essa perspectiva vai além do mapeamento, questões socioeconômicas e usos políticos da seca e se debruça também sobre a dimensão técnica. Ou seja: de que maneira a seca vai ser tratada por engenheiros, escolas politécnicas e pelo saber das ciências numa visão de mudança, modernização, e adequação à própria construção do Estado-nação que produz dialeticamente a própria ideia de “secas”.

Logo, entende-se que a ideia que se produziu sobre secas não corresponde só à literatura folclórica, a relatos de viagens ou a questões puramente políticas, mas a instituições de pesquisas e técnicas. Algumas delas que se formam justamente como consequência do entendimento que se tinha das secas no final do século XIX e início do século XX e que segundo Dantas, Ferreira e Farias (2018) era, na visão dos engenheiros da época: um “problema nacional”.

Observaremos então de que forma o Brado Conservador e as falas da classe política que lá estavam se inserem nesse “problema das secas” e da construção de um “Estado-nação” em uma esfera micro e local, através dos três trechos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

selecionados.

A visão econômica e política sobre as secas no Brado Conservador, e a economia potiguar na segunda metade do século XIX

Falarei neste capítulo sobre os problemas econômicos que atingiram a província potiguar na segunda metade do século XIX e que foram agravados com a seca de 1877 e como essa repercutiu no Açu segundo o jornal Brado Conservador.

Segundo Burgardt (2014) em meados do fim do século XIX o centro econômico para onde se exportavam as mercadorias era ainda a província de Pernambuco. Dentre os produtos exportados nesse período estão o açúcar e o algodão. Contudo, a crise agravada na região até aquele momento denominada “Norte” se dava também pela razão de que esses produtos estavam com preços baixos no mercado internacional. (Burgardt, 2014).

Esses fatores se juntam ao fato que paralelamente a isso a região Sul crescia economicamente. O que faz com que houvesse migração de mão-de-obra que salientava as diferenças de desempenho econômico entre a região chamada de “Norte” e o Sul. (Burgardt, 2014). Tudo isso seria drasticamente potencializado pela seca de 1877. Vejamos um trecho do Brado Conservador:

“(.) A industria pastoril, sujeita as eventualidades e ás inconstancias das estações, não caminha, estaciona. A agricultura, tangida por processos empiricos, está em germen, não passando de tentativas ou ensaios sem resultados praticos. (..) o homem do sertão está sempre em presença de dous terriveis inimigos—a sêcca, e a falta de estradas regulares, alom do mais! ” (Clamor do centro. Brado Conservador. Assú, 16 mar. 1877. Editorial, p.1)

Essa posição que correspondia a um certo “pessimismo” em relação à economia da província do Rio Grande do Norte aparece também como busca de soluções por parte dos grupos políticos ligados aos jornais para o chamado “atraso” da indústria potiguar. A exemplo do que observamos nessa passagem que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

há a tentativa de, além de demonstrar os efeitos da seca de 1877 e falar de seus problemas, também, apresentar as soluções para lidar com esses efeitos sobre a economia através das denúncias, e uma dessas seria: “a falta de estrada regulares. ”

Essa tentativa de identificar os problemas e soluções para lidar com as dificuldades também perpassaram personagens como os presidentes de província, a exemplo do Silvino Elvídio Carneiro da Cunha presidente da província potiguar em 1870 que colocou a “culpa” do “atraso da civilização” norte-rio-grandense na falta de educação do povo, educação essa que seria moral e religiosa. (Brito, 2016).

Dois anos à frente dessa afirmação outro presidente de província chamado, Henrique Pereira de Lucena, continuou reproduzindo a ótica da “individualização” do problema colocando-o sobre a ociosidade. (Brito, 2016). Todavia, essa viria com o incremento da violência e da chamada “vadiagem” que geraria “atraso” econômico nessa província.

Quando à crise chega aos seus momentos drásticos por conta da seca já no ano de 1877, então parece haver uma mudança na perspectiva das causas e soluções que influenciam como a classe política vai lidar e falar diretamente sobre temas relacionados a essa seca nos periódicos locais. A exemplo do Brado Conservador.

As soluções e análises parecem se transferir de uma esfera individual para uma visão minimamente sistêmica, isso ligadas ao que fazer com os pobres, retirados, livres e as mãos- de-obra dentro das lavouras locais. A persistência da seca causava grande pobreza aos que já eram pobres fazendo com que várias pessoas se retirassem de suas terras em busca de melhores condições abrindo mão de sua mínima autonomia de trabalho e financeira.

Esses viajantes de mão de obra livre ocuparam-se de diferentes tipos de funções sendo a principal, o trabalho na terra. Ao observar isso a elite agrária, também composta de integrantes da classe política, se interessavam por inseri- los nessas atividades agrícolas, visto o contexto que a mão-de-obra escravizada se tornara muito cara (Brito, 2016).

Essas mobilizações de retirados pautavam a promoção de intervenções para construção de uma infraestrutura que correspondesse a esse contexto, tal como as

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

estradas. Por isso, dentro do Brado Conservador podemos observar clamores ao residente de província e ao Governo Imperial para que se mandassem recursos e investimentos. No ano de 1878 o Brado Conservador faz uma retrospectiva sobre 1877 e afirma:

“Se tivéssemos estradas e outros elementos de transporte, não se teriam visto, a despeito da secca, tantos infelizes obrigados a abandonar seu torrão natal para se remontarem a paizes estranhos, tendo de fazer falta á lavoura que, entregue a homens livres, como hoje quase se vê, vae necessariamente a definhar a mingua de braços, que desaparecem de um modo espantoso; sendo que além disto muito fazendeiros se tem visto na dura emergencia de vender o restante de seus escravos, como meio de escaparem à fome.” (Um olhar retrospectivo. Brado Conservador. Assú, 4 jan. 1878, Editorial, p. 1)

Observamos, portanto, que a seca atinge a elite agrária a tal ponto de isso estar presente nas páginas de periódicos, majoritariamente compostos pelas vozes de uma determinada elite agrária. A visão econômica no Brado Conservador sobre a seca de 1877 corrobora com propostas baseadas no pessimismo, intervenção, arrecadação e estratégias que fizeram parte de toda província em uma esfera geral e denota a forma que essas elites presentes no jornal foram atingidas, e se expressaram para proporem e atuaram medidas contra esse momento revelando sua visão econômica e política sobre a seca na província potiguar.

Essa elite, apesar de suas divergências, é entendida aqui como a “classe dominante” dessa região, para isso utilizamos do conceito de classe de E.P Thompson que entende a classe se forma pelas experiências compartilhadas entre as pessoas em se contrapondo a outras cujo interesses são diferentes, e essas experiências são determinadas em grande medida pelas relações de produções. (Thompson, 1987).

A “economia moral” e a questão técnica em destaque: além da política e da economia tradicional

Já observamos que a situação das secas trouxe à tona discursos que permeavam o mundo político e econômico dentro do jornal. Estratégias foram

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

formadas, estradas, uso efetivo de mão-de-obra, etc., contudo, por trás de tais demandas e posturas está a dimensão técnica sem a qual a produção de estradas, mudanças na infraestrutura e soluções objetivas não poderiam existir.

Essa, por sua vez, tem sua própria autonomia como afirmam Dantas, Ferreira e Farias (2018): “(..) Os discursos técnicos constituem novas e/ou outras representações da realidade, que dialogam, influenciam e são influenciadas em meio às mais diversas discussões (..)”. Esses discursos, portanto, tem uma natureza própria e tanto modificam o território onde estão inseridos quanto também se moldam em um processo dialético ao fazer isso.

Dentro dessa perspectiva, a visão técnica seria mais que apenas um auxílio a resolver-se o problema das secas, mas também modificaria o território e com isso a visão representativa que se faria desse. Dentre as primeiras ações de cunho técnico a lidar com as secas no “Norte” está a “Comissão Científica enviada ao Ceará pelo IHGB entre 1859 e 1861”. Que tinha como proposição a construção de poços, aproveitamento do leito natural de rios e mesmo sendo caros, a construção de açudes. (Dantas, Ferreira, Farias. 2018).

Mesmo essa Comissão tendo sido chamada de volta para a capital Rio de Janeiro pelo Governo Imperial antes do prazo proposto, e tendo tido dificuldades, ela conseguiu contribuir para instaurar impressões primárias sob o território e as estratégias técnicas para a seca. É dito:

“As anotações sobre a pecuária, os dados hidrogeográficos, o regime dos rios, o litoral piscoso, assim como as dificuldades de transporte, pela precariedade das estradas e inexistência de caminhos de ferro, começaria a compor um quadro de compreensão dos problemas das secas como questão socioeconômica que dizia respeito também à estrutura fundiária e ao sistema jurídico-administrativo das províncias do Império.” (Dantas, Ferreira, Farias, 2018, p.95)

Esses primeiros olhares técnicos para a região até ali denominada “ Norte ” e o planejamento de estratégias em relação às secas destacam, acima de outros fatores, o problema das secas em sua dimensão técnica. Essa dimensão que estava inserida dentro da anexação do território ao Estado-nação, e aos fatores socioeconômicos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

e políticos vai se fortificando e tomando fôlego no final do século XX. Talvez sua maior expressão nesse período esteja presente no grande projeto e tentativa de criação de estradas de ferros (ferrovias) dentro do território do Norte. Dentro desse contexto a seca de 1877 demonstrou às elites políticas e agrárias a necessidade de vias de ligação com as capitais litorâneas. Esse assunto não deixou de nenhuma maneira de chegar às imprensas políticas, como é o caso do Brado Conservador, que já em 1877 afirmava:

“A prolongada falta de chuvas em alguns provincias do norte e na de S. Pedro do Rio Grande do Sul acarretou sobre ellas as provações inherentes a semelhante flagello. (...) A lei n. 2450 de 24 de setembro de 1873, que autorisou a garantia de juros ás estradas de ferro provinciaes, não produziu o resultado que se espe-rava, a despeito da boa vontade com que o governo procurou executal-a.”(No dia 1º. de Junho de 1877. Brado Conservador. Assú, 29 jun. 1877. Editorial, p.1)

Esse discurso que atrelava o projeto de “modernização” e superação de problemas como a seca também era feito em outras localidades como Mossoró e se fortificou sobremaneira no início do século XX, sobretudo com a fundação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1909. (Medeiros, 2018). Tal era a importância, que era defendido uma construção de linha de ferro que passasse de Mossoró a Souza. As elites mossoroenses também desejavam que essa linha ligasse Mossoró a região litorânea de Areia Branca devido Mossoró ser estrategicamente a principal praça comercial da região sertaneja. (Medeiros, 2018).

Contudo, como podemos observar na passagem do Brado Conservador, as elites políticas açuenses através dos jornais também já estavam atentas e preocupadas com a criação de linhas de comercio e especificamente ferrovias, ainda durante a crise da seca de 1877.

A dimensão técnica, portanto, foi mais que um “braço de auxílio” dentro de questões econômicas e políticas, mas ela própria uma solução que era requerida pelas elites agrárias, e que em sua dinâmica modificou e criou “novas paisagens” e representações que formaram a concepção e criação da região “Norte”, que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

posteriormente seria chamada de Nordeste. Se apresentando dentro do contexto como a seca, primeiro para “enfrentá-la”, e em um segundo momento para conviver com ela enquanto exercia papel fundamental na configuração e imagem sobre o tema das secas, sertão e, posteriormente, a região denominada Nordeste.

EP Thompson (2002) e seu conceito de “economia moral” pode, ainda, nos ajudar que, além da percepção técnica das elites para resolução do problema, o povo mais fragilizado respondia à seca a partir de ações mais violentas diante de uma situação calamitosa. Ao falar de motins por parte dos trabalhadores no século XVIII na Inglaterra o autor declara “É certamente verdade que os motins eram provocados pelos aumentos dos preços (..) Mas essas queixas operavam dentro de um consenso popular do que eram práticas legítimas e ilegítimas (THOMPSON,2002).

Em Açu o Brado denunciava logo em suas primeiras páginas a ineficiência administrativa na pessoa de Manoel Lins Caldas a respeito da comissão de primeiros socorros daquela freguesia que, pelo o que denuncia o periódico: “proteção escandalosa aos compadres e a falta de distribuição pelos verdadeiros necessitados são, segundo nos consta, praticas alli em grande escala” (BRADO CONSERVADOR, 1877).

O jornal assinalava e denunciava, preste-se atenção que a um personagem que fazia parte de um partido opositor, que esse recolhia para si e seus companheiros os recursos destinados a ajudar as pessoas, enquanto elas pereciam. Essa situação acarretou, segundo esse mesmo jornal, em que “um pequeno grupo de mulheres famintas tentou violentar a porta da casa que serve de armazém, dirigindo “nessa ocasião ao Sr. Manoel Caldas diversas argüições sobre os negócios de farinha” (BRADO CONSERVADOR, 1877). A despeito do que possamos imaginar à primeira vista essas mulheres não eram compostas de pessoas apenas famintas, ignorantes, agindo por um instinto de fome animalesco predominante. Muito menos motivadas por uma racionalidade exclusivamente economica.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ao contrário, vemos aqui uma ação que carrega consigo um valor que a legitima. Era justificável no seio da classe que sofria essas mazelas ir até o armazém a pontapés, e destilar sua revolta sobre Manoel Caldas, na concepção dessas pessoas: responsável pela falta de distribuição dessa ajuda necessária em meio à seca. Observamos, portanto, em Thompson (2002) que longe do que possamos pensar, no meio da situação difícil da seca, calamidade etc... os mais afetados, as classes mais baixas, não abandonam um sentimento de moralidade mesmo em ações consideradas violentas.

Elas mesmas são feitas a partir de um código moral que se reformula, se adequa, ou se ressignifica dentro desses grupos em tempos de crise. Isso serve para legitimar ou não os “motins” que populações em períodos escassos têm. Portanto, essas ações não são realizadas sem um conteúdo moralizador por trás, e jamais sem alguma noção de justiça (econômica ou social) como motivação.

Considerações finais

Ao final desse trabalho chego à conclusão de que a seca de 1877 foi um fator determinante para o aquecimento da vida literária açuense nos jornais, pautada na mobilização política em torno dela. O Açú se insere localmente então, em propostas e conflitos e resoluções que eram de um aspecto macro e nacional ligados à anexação do território por meio de estradas e estratégias e a própria construção do Estado-nação brasileiro. Para esse objetivo foi usado do poder político e econômico dessa classe que reivindicavam de presidentes de província e do Governo Imperial ações de suporte para lidar com a crise instaurada por conta da seca, usando a imprensa. A dimensão técnica se insere então como indispensável para realização dessas ações, e enquanto se insere nesse contexto ela mesma se fortifica e se torna uma área de concentração autônoma seja em saber e em criação de grupos ou de instituições. A população mais pobre e afetada responde a esse momento com suas próprias formas de planejar, legitimar e agir. A elite política-agrária, por sua vez, se demonstrava preocupada nas páginas do Brado Conservador com esse cenário. E por mais que deixem em sua linguagem e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

discurso exalar um teor paternalista e humanístico, a dimensão econômica ante a uma estrutura escravocrata em transformação e a perda de posses, lucros e mercadorias revelam suas preocupações majoritariamente econômicas.

REFERÊNCIAS

Fontes

Brado Conservador: Folha Política, Moral e Noticiosa. Rio Grande do Norte, Assú. N° 1. 1876 - 1882. Acesso em: 1 de setembro de 2024.

Bibliografia

BEZERRA, H. S. N.; MELO FILHO, H. T. de; PEREIRA, I. F. O estado do conhecimento sobre o jornal potiguar Brado Conservador. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 4, p. e9207, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/9207>. Acesso em: 4 set. 2024.

.BRITO, João Fernando Barreto de. Braços Embaraçados: as relações de trabalho no Rio Grande do Norte (1850-1877). *Unioeste: Espaço Plural*, Curitiba, n. 34, p. 403-436, 2016.

BURGARDT, Camila Machado. A invenção da seca no século XIX: A imprensa do norte e o romance os retirantes. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado) -Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6270/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 4 set. 2024.

DANTAS, George A. F.; FERREIRA, Angela Lúcia; FARIAS, Hélio T. M. A delimitação das secas como problema técnico. In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre Ferreira; SIMONINI, Yuri. (Org.). *Contra as Secas: Técnica, Natureza e Território*. Rio de Janeiro: Letra Capital: INCT/Observatório das Metrópoles, 2018, p. 90-110.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Editora Companhia das Letras, 1990.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

GUERRA, C. V. O. O. Conservadores partidos: as composições políticas do Partido Conservador em Açu, no Rio Grande do Norte (1876-1884). Revista de História Bilros:

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Traduzido por Gilda de M.M. Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), [S. l.], v. 6, n. 12, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7857>. Acesso em: 2 set. 2024.

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino P. A construção do território das secas: as vias férreas de comunicação no Rio Grande do Norte (1880-1950). In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre Ferreira; SIMONINI, Yuri. (Org.). *Contra as Secas: técnica, natureza e território*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, p. 142-188.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade